

**O VERBO *HAVER* NA ESCRITA CULTA:  
ANÁLISE DE TEXTOS ACADÊMICOS**

Sávio Jorge Silva de Carvalho (CEC<sup>49</sup>)

[saviojorge.carvalho@gmail.com](mailto:saviojorge.carvalho@gmail.com)

Thiago Soares de Oliveira (IFF)

[so\\_thiago@yahoo.com.br](mailto:so_thiago@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Considerando que os compêndios normativos registram tardia e convencionalmente os fatos de língua com foco na escrita “consagrada”, esta pesquisa objetivou examinar a ocorrência do verbo “*haver*” com noção existencial, para testar a hipótese de que os chamados “erros” de concordância verbal são, na verdade, um ponto histórico explicável, assim como os “acertos” (ou não) podem ser resultado do monitoramento da escrita. Para isso, procedeu-se à análise de conteúdo de 264 redações referentes a três processos seletivos para ingresso no curso de Letras do IFFluminense, a partir da obra de autores como Avelar (2006), Perini (2016) e Callou e Avelar (2000; 2012). Ao fim, concluiu-se que a “escrita culta” nem sempre é compatível com as orientações da norma.

**Palavras-chave:**

Impessoalidade verbal. Verbo *haver*. Sintaxe de concordância.

**ABSTRACT**

Considering that the normative compendiums register language facts late and by convention with a focus on “consecrated” writing, this research aimed to examine the occurrence of the verb “*haver*” with an existential notion to test the hypothesis that the so-called “errors” of verb usage are, in fact, an explainable historical point, as well as the “correct uses” (or not) can be the result of monitored writing. For this, we proceeded to the content analysis of 264 essays from three selection processes for admission to the IFFluminense’s “Letras” Licentiate degree, as from the works of authors like Avelar (2006), Perini (2016) and Callou & Avelar (2000; 2012). In the end, it was concluded that “cultivated writing” is not always compatible with the norm’s orientations.

**Keywords:**

Verbal impersonality. Verb *haver*. Syntax of agreement.

**1. Introdução**

Em consonância com o entendimento de que as reflexões sobre pessoalidade e impessoalidade concernentes ao verbo “*haver*” com noção

de existência estão afinadas com a concepção de mudança linguística, principal objeto teórico da Linguística Histórica, considera-se a premissa de que a questão a ser abordada não é estritamente sintática, “mas morfossintático-léxico-semânticos”, na esteira de pensamento de Mattos e Silva (1992, p. 87). Parte-se da premissa de que a questão a ser abordada não é estritamente sintática, “mas morfossintático-léxico-semânticos”, na esteira de pensamento de Mattos e Silva (1992, p. 87), em consonância com o entendimento de que as reflexões sobre pessoalidade e impessoalidade concernentes ao verbo “haver” com noção de existência estão afinadas com a concepção de mudança linguística, principal objeto teórico da Linguística Histórica.

Partindo disso, objetivou-se examinar a ocorrência do verbo “haver” com a noção existencial em redações no intuito de verificar, por meio de amostras de língua na modalidade escrita e monitorada, se a impessoalidade tem predomínio de ocorrência em relação ao uso da pessoalidade do verbo em questão. Isso porque se acredita que os denominados “erros” a respeito do emprego do “haver” são, na verdade, um ponto histórico plausivelmente explicável, assim como os “acertos” (ou não) podem ser resultado do monitoramento da escrita. Para tanto, foi selecionado um *corpus* composto de 264 redações referentes aos processos seletivos 2018.1, 2018.2 e 2019.1<sup>50</sup> para ingresso no curso de Licenciatura em Letras (Português e Literaturas) do Instituto Federal Fluminense (IFF).

Dessa forma, procedendo de uma pesquisa documental (a fonte de dados são os documentos selecionados), já que os conteúdos das redações ainda sofrerão um tratamento analítico sob as perspectivas adotadas, sendo “ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise” (SEVERINO, 2007, p. 123), realizou-se um estudo de caráter descritivo. Isso porque as ocorrências do verbo “haver” foram detalhadas, e, como ressalta Triviños (1987), este tipo de estudo descreve com exatidão fatos e fenômenos analisados. Tal escolha por redações do IFF e pelo curso de Letras fez-se principalmente pelo fato de o material fazer parte de um processo seletivo, situação em que é comum o automonitoramento do aluno na escrita, sobretudo para acesso

---

<sup>50</sup> O lote de redações referente ao semestre 2019.1 foi o último a ser utilizado como fonte documental, visto que, no momento da coleta de dados, não estavam disponíveis as redações para ingresso em 2019.2 (o concurso estava em vigência). Logo, o conjunto 2019.1 foi considerado como o semestre mais recente. Quanto ao semestre 2018.1, é preciso ressaltar que foi utilizado como o primeiro disponível em virtude de previsão editalícia, não havendo, pois, a possibilidade de acesso aos semestres anteriores (ausência de previsão em edital).

a um curso, no qual esse tipo de preocupação tem grande relevância, visto que os candidatos são instruídos a observar o padrão normativo.

Por fim, as redações foram submetidas à análise de conteúdo, que consiste, segundo Severino (2007), no tratamento e, logicamente, na análise das informações constantes no documento escolhido para o estudo. As amostras selecionadas foram organizadas por categorias e receberam tratamento analítico à medida que foram apresentadas.

## **2. Breve observação sobre a relevância do estudo**

Este trabalho, de cunho tanto descritivo quanto analítico aponta para possibilidade de utilização da perspectiva histórica do estudo linguístico na sala de aula do Ensino Médio, servindo de apoio à construção de um olhar mais crítico sobre o idioma<sup>51</sup>. Trata-se da oportunidade de promover, no ensino básico, a partir da explicação histórica dada pelo professor, o entendimento de que a teoria gramatical não está registrada nos compêndios normativos simples e puramente convencional por se tratar de um registro de um ponto específico dentro de um longo processo de desenvolvimento da língua, entre outras possibilidades. Aliás, compreender as bases normativas apenas pelo caráter convencional seria um tanto reducionista.

Esse ponto de vista é também incentivado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que ressaltam a relevância da apreciação do caráter histórico e contextual de dada manifestação da linguagem, o que pode levar ao entendimento das razões de uso, da valoração e das escolhas de atribuição de sentidos (BRASIL, 2000). Nesse ponto, são compiladas e analisadas amostras que, futuramente, podem ser utilizadas para o estímulo ao debate no que concerne ao preconceito linguístico<sup>52</sup>, por levantar a hipótese de que o que é considerado “erro” de emprego do “haver” impessoal ser, na verdade, herança de um extenso e gradual processo de mudança o qual caracteriza a trajetória evolutiva da língua. Acrescente-se o fato de a Base Nacional Comum Curricular destacar um ponto que a presente pesquisa também propõe: a comparação do tratamento dado pela

---

<sup>51</sup> Considera-se que o professor promoverá uma transposição didática, resignificando a explicação diacrônica de modo que faça sentido para o aluno.

<sup>52</sup> Faz-se importante esclarecer que o foco do trabalho não é tratar do preconceito linguístico; a temática foi citada com o objetivo de salientar uma possível contribuição da pesquisa para o desenvolvimento de estudos futuros.

gramática tradicional a diferentes tópicos gramaticais em contraste com o uso, a fim de se perceber “as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola” (BRASIL, 2018, p. 507).

Ressalta-se, também, a relevância acadêmica em relação aos estudos que envolvem a diacronia da língua e o processo de mudança linguística. Ao buscar trabalhos com temáticas semelhantes à desta pesquisa nas plataformas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da *Scientific Electronic Library Online*<sup>53</sup> (SciELO) percebeu-se a existência de estudos que aliam o caráter histórico da língua à análise de verbos. O primeiro trabalho que se sobressai nessa seara é o de Stein (2001), com foco no verbo “haver” e na evolução do seu conceito de impessoalidade. No entanto, as análises aqui realizadas baseiam-se no *corpus* de pesquisa selecionado, e não na comparação entre gramáticas históricas.

Destacam-se ainda as pesquisas de Vitória (2010) e a de Callou e Avelar (2012). A primeira propõe um percurso acerca da aquisição e da variação dos verbos “ter” e “haver” com noção de existência no português do Brasil; a segunda, por sua vez, tem como foco as mudanças relacionadas aos verbos “ter” e “haver” com amostras do português medieval (séc. XIII ao XV) e do português do atual século (2002, 2003 e 2006), bem como as transições entre as ideias de posse e as de existência nesses dois verbos. Faz-se necessário ressaltar que os trabalhos direcionados especificamente às temáticas supracitadas não aparecem em número vultoso, o que também corrobora a pertinência acadêmica deste estudo.

### **3. Exposição e análise das ocorrências verbais**

O primeiro passo do procedimento de coleta de dados nas 264 redações<sup>54</sup> que constituem o *corpus* da pesquisa partiu da identificação ge-

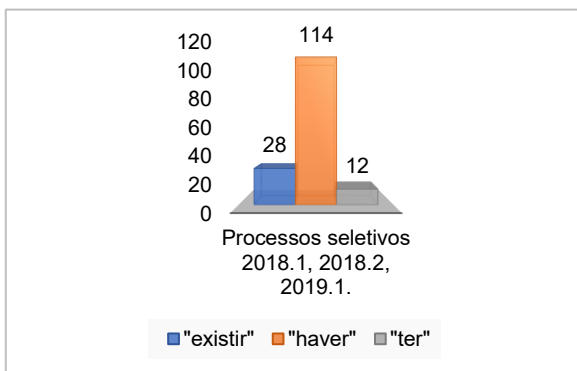
---

<sup>53</sup> Biblioteca Científica Eletrônica em Linha.

<sup>54</sup> Esse intervalo foi selecionado em razão de dois limitadores: a) o edital referente ao semestre 2018.1 foi o primeiro a registrar explicitamente a possibilidade de utilização das redações para fins acadêmicos e b) 2019.1 foi o último semestre cujos procedimentos editalícios haviam sido finalizados à época da coleta de dados (2019.2 estava em andamento, o que impossibilitou o acesso ao material a ser analisado).

ral das ocorrências de verbos existenciais (“existir”, “haver” “ter”)<sup>55</sup>, resultando num total de 154 elementos para a análise. A intenção, nesta fase, foi perceber se o uso do “haver” existencial (foco do trabalho) é bastante recorrente, além de analisar a utilização de tal verbo quanto à concordância verbal. Assim, caso o “haver” com noção existencial seja registrado de modo pessoalizado, o procedimento passa a ser averiguar se esse tipo de ocorrência tem justificativa histórica. Quanto ao número de utilizações dos principais verbos existenciais, o Gráfico 1, abaixo, representa as ocorrências:

Gráfico 1: Ocorrências dos verbos existenciais.



Fonte: Dados da pesquisa (2018/2019).

Partindo do Gráfico 1, é relevante perceber que, mesmo havendo algumas pesquisas, como a de Mattos e Silva (2002), indicando a concorrência entre “haver” e “ter” há algum tempo, inclusive nas construções existenciais, na amostra analisada, o verbo “haver” é utilizado com preponderância sobre os demais. Os dados demonstram que o “haver” aparece com 74% das ocorrências entre os verbos existenciais, o que é dado significativo, apontando que, em momentos de monitoramento da escrita, formas mais conservadoras de uso podem ser utilizadas.

Embora a mudança linguística seja um fenômeno que ocorre de maneira mais veloz no uso popular, vale mencionar que Grandgent (1907) assevera que a influência literária tende ao conservadorismo, o

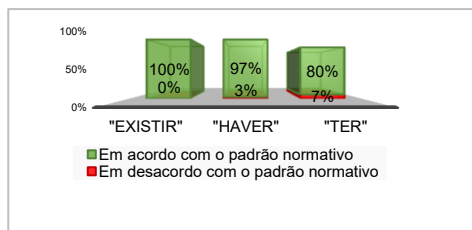
<sup>55</sup> Abordados como verbos existenciais, tendo em vista a utilização deles como tais em Mattos e Silva (2002), que reforça essa aceção baseada em diversas amostras.

que pode justificar a incidência expressiva do “*haver*” na modalidade escrita da língua, especialmente porque as gramáticas normativas registram formas modelares de uso com base em autores “consagrados”. Avelar (2006), em pesquisa sobre gramática, competição e padrões de variação, conclui, de maneira geral, com amostras da língua falada e da escrita, que o “*haver*” ainda é mais recorrente que o “*ter*” na escrita formal, por exemplo.

Sobre o padrão de distribuição das variantes, os dados levantados revelaram um contraste entre *ter/haver* e *de/em*: as frequências de *ter* e *haver* são diametralmente opostas nas línguas falada e escrita (...) na língua falada, *ter* é realizado em 87% das construções existenciais levantadas, mas não passa de 14% nos dados da escrita. (AVELAR, 2006, p. 108)

A constatação de Avelar (2006) vai ao encontro do que se obteve na coleta de dados representados por verbos existenciais, indicando que a escrita, especialmente a monitorada, de fato é ambiente relativamente hermético para a ocorrência de variações de uso, se comparado à modalidade falada. Como a mudança resulta de um processo variacional prévio, já se nota que a fala está mais propícia a registros menos conservadores. A questão do conservadorismo é relevante e merece destaque, o que pode ser abordado no Gráfico 2, que segue:

Gráfico 2: Ocorrências dos verbos existenciais em acordo e em desacordo com a norma-padrão.



Fonte: Dados de pesquisa (2018/2019).

O Gráfico 2 revela a porcentagem de registros verbais em relação à ocorrência ou não de desvios na concordância verbal. Se considerada a norma-padrão da língua portuguesa, o maior percentual de desvios é observado justamente no verbo existencial de menor ocorrência: o “*ter*”, que apresentou um emprego desviante dentre 12 coletados. Dessa forma, é importante levar em consideração a contenda a respeito da concordân-

cia verbal com o “ter” existencial, cujo percentual de desvio é superior ao do “haver” com noção de existência, percebendo-se que, em relação ao “existir”, não houve sequer um desvio.

A fim de analisar as ocorrências a partir do apagamento do sujeito nos usos existenciais, a princípio, alguns autores foram consultados para que se definisse como a (im)personalidade específica do “ter” existencial seria abordada. Notou-se, no entanto, que essa noção não é frequentemente mencionada e, quando o é, o registro da possibilidade de uso fica restrito à modalidade falada.

No nível da prescrição, Cunha e Cintra (2017), por exemplo, entendem que a utilização do “ter” impessoal, à semelhança do “haver”, é fenômeno da linguagem coloquial. Nesse contexto, apresenta exemplos com o verbo impessoalizado, utilizados por autores que alçaram a construção recorrente na coloquialidade à construção literária. Ei-los: “Hoje **tem** festa no brejo! (C. Drummond de Andrade, *R*, 16.)”; “Em Pasárgada **tem** tudo, / É outra civilização... (M. Bandeira, *PP*, 222.)” (*apud* CUNHA; CINTRA, 2017, p. 144). Almeida (2009), por sua vez, discute “haver” e “ter” na mesma seção, mas atribui a noção existencial somente ao primeiro, assim como Bechara (2009), Cegalla (2010) e Rocha Lima (2011), que também não abordam o “ter” existencial.

Sobre essa resistência da norma em assimilar mudanças linguísticas, Azeredo Júnior e Oliveira (2018) comentam sobre a dificuldade de cristalização de uma mudança que, muitas vezes, já faz parte da realidade de uso da língua. No nível da descrição, Duarte (2003; 2016) utiliza o “ter” como algo comum em construções existenciais e, em trabalho mais recente, defende a incorporação dessa acepção no “português padrão”. Callou e Avellar (2000; 2012) também utilizam amostras do “ter” existencial e impessoalizado, superando o emprego do “haver” em alguns contextos. Perini (2016) expõe também uma visão mais “receptiva” em relação ao “ter” e o exibe junto do “haver” como “verbo de apresentação de existência”. O autor afirma que, assim como o “haver” em construções existenciais, o “ter” aparece seguido de objeto posposto e não de sujeito, sendo impessoal. E ainda conclui:

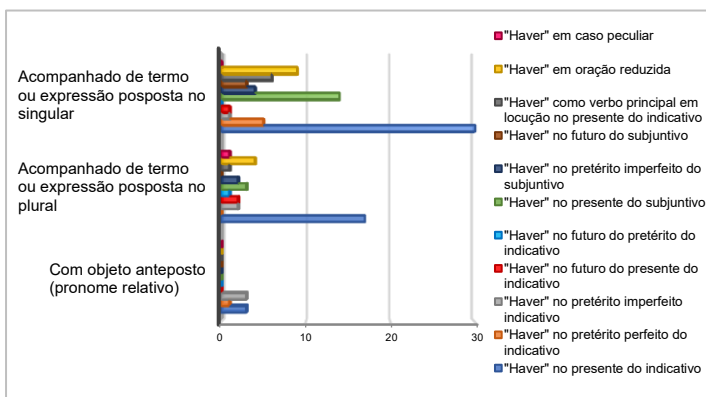
No significado de ‘apresentação de existência’ *ter* (e, quando usado, *haver*) não tem sujeito segundo as opiniões tradicionais. Assim, nos casos em que a concordância seria visível, ela não acontece: [14] Teve dois acidentes na minha rua. (e não \* *tiveram*...). (PERINI, 2016, p. 109)

Apresentadas algumas visões acerca do “ter” existencial e tendo a concordância verbal como critério para a análise, entende-se ser plausível

a investigação do “ter”, levando em conta a questão do apagamento de sujeito na noção existencial. Muito parece se discutir ainda sobre os verbos existenciais, principalmente o “ter”, que, mesmo com bastante espaço na linguagem popular, ainda é marcado pela divergência entre alguns estudiosos sobre a utilização em relação à norma-padrão. Dito isso, o Gráfico 2 serve como um demonstrativo dos desvios da norma, levando em consideração, sobretudo, a concordância verbal. É importante ressaltar, também, o fato de haver, nos usos dos três verbos, maior número de ocorrências em acordo com a norma, as quais, mais adiante, serão discutidas a partir das prováveis razões para tais “acertos” no âmbito da sintaxe de concordância.

Voltando as atenções ao “haver” existencial, às situações em que foi utilizado e às supostas “incorrekções” de caráter normativo, o Gráfico 3 expõe os diversos tempos verbais e os contextos nos quais o “haver” com noção existencial foi empregado. A organização se deu considerando estes critérios: a) o tempo verbal; b) o uso ou não do verbo em locução; e c) se está acompanhado ou não de termo ou expressão anteposta ou posposta. Vide, pois, o Gráfico 3:

Gráfico 3: Ocorrências do “haver” existencial.



Fonte: Dados da pesquisa (2018 /2019).

Especificamente a respeito do “haver” com noção existencial, a flexão verbal no presente do indicativo foi equivalente a 50 ocorrências (cerca de 40% do total), seguida do presente do subjuntivo, com 17 ocorrências (aproximadamente 15% da amostra de “haver” existencial, e do “haver” como oração reduzida, que foi registrado 13 vezes (11,4%). Os



outros tempos/formas aparecem em minoria. Com base em um gráfico quantitativo e visando a entender melhor esse cenário, exemplos foram retirados do *corpus* e comentados adiante, seguidos de possíveis esclarecimentos a respeito da maior ou da menor utilização do “*haver*” em cada um dos casos. Em relação ao “*haver*” no presente do indicativo, eis, no Quadro 1, alguns exemplos do verbo acompanhado de termo ou expressão posposta no singular e no plural:

Quadro 1: Demonstrativo de algumas ocorrências do “*haver*” existencial no presente do indicativo.

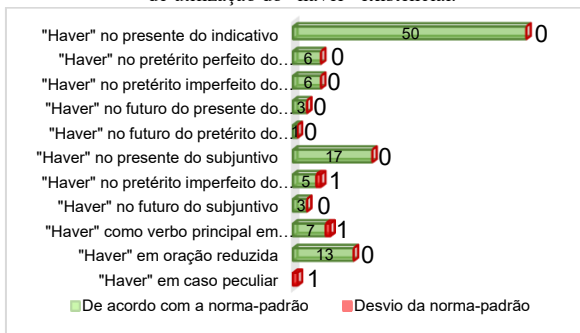
	Ano/Semestre	Redação	Descrição
1	2018.1	R12	(...) há a necessidade inata de implementação de uma disciplina (...)
2	2018.1	R23	(...) não há investimentos associados ao interesse público (...)
3	2018.2	R1	(...) há baixa infraestrutura (...)
4	2018.2	R19	(...) há pessoas que precisam passar para sobreviver (...)
5	2019.1	R1	Há muitos prédios históricos abandonados (...)
6	2019.1	R57	(...) há uma enorme e constante crise (...)

Fonte: Dados da pesquisa (2018/2019).

Com a maioria das ocorrências flexionadas no presente do indicativo, não houve desvios de norma quanto à utilização do “*haver*” nesse tempo verbal, sendo todos os usos na terceira pessoa do singular. Em relação ao emprego efetivo na escrita monitorada, é possível que a tendência ao uso do “*haver*” existencial no presente do indicativo seja resultado de uma dúvida quanto à impessoalização do verbo.

Eis, agora, o Gráfico 4:

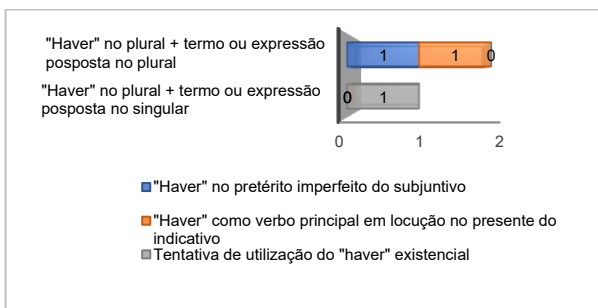
Gráfico 4: Usos acordantes e discordantes da norma-padrão em cada contexto de utilização do “haver” existencial.



Fonte: Dados de pesquisa (2018/2019).

O Gráfico 4 ilustra o pequeno número de desvios em relação aos contextos (tempos verbais) em que ocorrem. São apenas três exemplos (cerca de 2,63% do total da amostra específica) do “haver” existencial, sendo utilizado em descordo com o padrão normativo: a) duas ocorrências do “haver” utilizado como verbo principal em locução, cujo verbo auxiliar está flexionado no plural e b) uma ocorrência do “haver” em um caso “inusitado”, no qual o termo ou a expressão que acompanha o verbo está no singular, mas o verbo é flexionado no plural. A fim de distinguir melhor os exemplos em relação à concordância verbal, vide o Gráfico 5 e o Quadro 2, os quais quantificam, esquematizam e expõem as construções existenciais do “haver” com desvios na sintaxe de concordância padrão:

Gráfico 5: Desvios da norma-padrão e contextos de utilização do “haver” existencial.



Fonte: Dados de pesquisa (2018/2019).

Quadro 2: Demonstrativo de construções existenciais do “*haver*” com desvios de concordância verbal.

Item	Ano/Semestre	Redação	Descrição
1	2018.1	R63	(...) devem-se haver uma cooperação de todos (...)
2	2018.1	R87	(...) devem haver programas que conscientizem a população (...)
3	2019.1	R56	Ainda que houvessem aqueles que sofreram com o estrago causado pelas chamadas (...)

Fonte: Dados de pesquisa (2018/2019).

As ocorrências 2 e 3, dentre outras hipóteses, podem ser entendidas como situações de hipercorreção. Verificado isso, sujeitos pospostos, em tese, provocariam a flexão do “*haver*” para o plural. Considerando que as redações utilizadas como *corpus* são supostamente resultado de situação de automonitoramento dos vestibulandos, a correção reiterada da escrita seria uma possibilidade, levando em conta também o fato de muitas redações terem marcas de rasura. Já a ocorrência 1, por conta da confusão da flexão verbal em estrutura perifrástica, suscita várias possibilidades analíticas, mas não conclusivas: não se pode ter certeza da intenção do emprego do “*haver*” existencial; não se sabe se o verbo “*haver*” seria o verbo principal de uma locução verbal composta pelo auxiliar acurativo “*dever*”; é difícil afirmar qualquer ponto em relação a essa estrutura, podendo, inclusive, ter ocorrido simples desatenção não necessariamente relacionada a uma questão sintática observada pelo candidato. De qualquer forma, aparentemente, não há o que justifique a flexão do verbo “*dever*” para o plural nesse caso, ainda que o exemplo também tenha sido analisado a partir de uma possível relação entre “*dever*” e “*haver*” como elementos de uma construção perifrástica.

Ao final das análises, fica a observação de que ainda há certo “*engessamento*” na escrita formal (monitorada e padronizada, para efeitos desta pesquisa), principalmente quando se consideram as pesquisas de Avellar (2006) e Callou e Avelar (2000; 2012), nas quais as discussões se desenvolvem a respeito da grande utilização do “*ter*” com noções existenciais atualmente. O fato de a maioria das ocorrências terem sido do “*haver*” pode ser indício de uma valorização da prescrição gramatical relacionada à norma-padrão, que, concretizada pela gramática normativa, é finita e homogeneizadora, limitando usos em vez de incluir novas ideias

e interpretações. Duarte (2016), em *Para uma nova descrição da sintaxe do “português padrão”*, dialoga a respeito da importância de reconhecer construções particulares do português brasileiro como parte do “padrão”, evitando a manutenção de um pensamento que considera fortemente a influência europeia, superpondo-a ao que é *propriamente* brasileiro.

#### **4. Considerações finais**

Durante a análise dos textos monitorados para cuja escrita se exige o uso da norma-padrão, evidenciou-se que, supostamente, o uso dos verbos existenciais, em especial o “haver”, assunto recorrente no ambiente escolar formal, foi aprendido por meio da fixação de regras, o que se refletiu no uso acertado da forma verbal, se considerado que a gramática normativa atua como força homogeneizadora.

Verificou-se também que, apesar de em menor quantidade, as “in-correções” apareceram, como as construções existenciais com o “haver” pessoalizado. Os casos do verbo existencial pessoalizado e o uso do “ter” com noção existencial dentro dos textos suscitam reflexões em relação ao ensino da língua portuguesa e à importância do estudo da variação (e, conseqüentemente, da mudança) e do papel da norma. Ainda que alguns autores que se dedicam ao estudo da norma tenham se eximido de certas discussões (como o uso do “ter existencial”), a realidade de uso (na escrita, inclusive) agrega conhecimento ao registro contemplado nas gramáticas normativas.

Acerca dessas visões um tanto quanto “severas” da norma, partindo de uma amostra, o professor pode incitar os alunos a perceberem que nem sempre o uso, mesmo na escrita monitorada, corresponde aos ditames da gramática normativa, porque esta agrega registros tardios de fatos de língua, que resultam de processos de mudanças, como afirmam Azeredo Júnior e Oliveira (2018). A hipótese de que os candidatos que disputam uma vaga em curso superior (especificamente no curso Licenciatura em Letras do IFFluminense *campus* Campos Centro) fossem instruídos a partir de um padrão normativo restou comprovada, mas com ressalva: verificaram-se indícios de que a “escrita padrão”, vista nos textos, nem sempre é compatível com o que a norma prescreve. Nesse sentido, é interessante o trabalho de contraste entre as situações reais de uso na escrita e o que se encontra no registro literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed., São Paulo: Saraiva, 2009.

AVELAR, Juanito. Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, p. 99-143, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2425/2379>. Acesso em: 15 set. 2020.

AZEREDO JÚNIOR, José Carlos Alves de; OLIVEIRA, Thiago Soares de. Gramática normativa: o território tardio da mudança. *Revista Letras Raras*, v. 7, n. 1, p. 220-40, Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/943>. Acesso em: 14 ago.2020.

BECHARA. Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Brasília-DF: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 13 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Parte II. Linguagens, Código e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf). Acesso em: 12 set. 2020.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Preservação e mudança na história do português: de ‘possessivo’ a ‘existencial’. *Matraga*, v. 19, n. 30, p. 224-35, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22629/16172>. Acesso em: 15 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, n. 9, p. 85-100, Niterói, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2TZzLJN>. Acesso em: 15 set. 2020.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. rev. São Paulo: Nacional, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Para uma nova descrição da sintaxe do ‘português padrão’. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 25, n. 51, p. 23-41, Niterói, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43571>. Acesso em: 10 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2241/mod\\_folder/content/0/Teoria%20Gramatical%20e%20Sintaxe%20do%20portugu%C3%AAs%20-%20Textos%20complementares/DUARTE\\_2003\\_SujeitoExpletivoeConstrucoesExistenciais.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2241/mod_folder/content/0/Teoria%20Gramatical%20e%20Sintaxe%20do%20portugu%C3%AAs%20-%20Textos%20complementares/DUARTE_2003_SujeitoExpletivoeConstrucoesExistenciais.pdf?forcedownload=1). <https://bit.ly/3hUn3u1>. Acesso em: 12 set. 2020.

GRANDGENT, Charles Hall. *An introduction to vulgar Latin*. Boston: DC Heath & Company, 1907.

MATTOS E SILVA, Rosa. Virgínia. Caminhos e mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de Estudos de Linguagem*, Ano 1, v. 1, p. 85-99, Belo Horizonte, jul/dez. 1992. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/955/1063>. Acesso em: 10. jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: \_\_\_\_; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Orgs). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2016.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STEIN, Cirineu Cecote. O Verbo “Haver” e a Evolução do Conceito de Impessoalidade. *Cadernos do CNLF*, série v, n. 06, *Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2001. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6\\_14.htm](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6_14.htm). Acesso em: 15 set. 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.